

Zygmunt Bauman

**SOBRE EDUCAÇÃO
E JUVENTUDE**

Conversas com Riccardo Mazzeo

Tradução:

Carlos Alberto Medeiros



Entre mixofilia e mixofobia

RICCARDO MAZZEO: Gostaria de abrir esta série de diálogos recordando o dia, quase dois anos atrás, em que você concordou pela primeira vez em conversar comigo sobre educação. Foi um presente que resolveu oferecer às 4 mil pessoas que se reuniram em Rimini para participar de nosso congresso, "A qualidade da inclusão escolar", realizado em novembro de 2009. Você não podia vir para o congresso porque sua prioridade absoluta era ficar perto de sua esposa, Janina, que estava gravemente enferma. De qualquer modo, permitiu que eu e nosso cameraman lhe fizéssemos uma visita e registrássemos o precioso vídeo de sua palestra de vinte minutos.

Você falou da crise da educação contemporânea, uma crise muito peculiar porque, provavelmente pela primeira vez na história moderna, estamos percebendo que as diferenças entre os seres humanos e a falta de um modelo universal vieram para ficar. Conviver com estrangeiros, ser exposto ao outro, isso não é nada novo, mas no passado acreditava-se que os "estranhos" mais cedo ou mais tarde perderiam sua "diferença" e seriam assimilados, ao aceitarem os valores universais que eram de fato os *nossos* valores. Mas hoje isso mudou: as pessoas que se transferem para outro país não desejam mais se transformar em nativos, e estes, por sua vez, não pretendem assimilá-los.

Então, o que acontece numa cidade como Londres, onde há quase 180 diásporas falando línguas diferentes, com diversas culturas e tradições? Não se trata mais de ser tolerante, pois tolerância é a outra face da discriminação; o desafio está num nível mais elevado e significa criar um sentimento de solidariedade.

Há duas reações opostas a esse fenômeno nas cidades contemporâneas: a mixofobia, o típico medo de se envolver com estrangeiros, e a mixofilia, o prazer de estar num ambiente diferente e estimulante. As duas tendências conflitantes têm mais ou menos a mesma força: às vezes prevalece a primeira, às vezes a segunda. Não podemos dizer qual delas vai triunfar, mas, em nosso mundo globalizado, interconectado e interdependente, o que fazemos nas ruas, nas escolas primárias e secundárias, nos lugares públicos em que encontramos outras pessoas é extremamente importante não apenas para o futuro do lugar em que vivemos, mas para o futuro do mundo todo.

Como você sabe, por mais de 25 anos temos trabalhado para atingir a inclusão escolar, convencidos de que educar todas as crianças, incluindo aquelas com necessidades especiais, é o melhor treinamento que elas podem receber em matéria de mixofilia. Também pudemos assumir o desafio porque a Itália é o único país do mundo em que a inclusão total está em vigor há quase quarenta anos. Contudo, por um lado, a inclusão nunca foi plenamente implementada; por outro, alguns políticos italianos estão tentando desacreditar o ensino público, em que “professores comunistas transmitem a nossas crianças ideias diferentes dos valores que recebemos de nossos pais” (citando Berlusconi).

Em seu diálogo com Keith Tester, que resultou no livro *Bauman sobre Bauman* (2011), você citou uma frase de Santayana – “A cultura é uma faca pressionada contra o futuro” – e definiu a cultura como “uma revolução permanente”. Você acha que a educação precisa alimentar-se não apenas de conhecimento, mas de pensamento crítico também?

ZYGMUNT BAUMAN: Eu não teria nada a tirar de suas palavras, Riccardo, muito menos a acrescentar. Concordo plenamente com

você, que conversão e assimilação, aquela receita do início da modernidade para lidar com a presença de estranhos, não têm muita chance no presente contexto do mundo multicentrado e multicultural. A necessidade de desenvolver, aprender e praticar a arte de conviver com os estranhos e sua diferença em base *permanente e cotidiana* é inescapável também por outra razão: não importa o esforço que os governos façam para evitá-los, não é provável que os migrantes parem de bater às portas de um país, da mesma forma que é improvável que estas permaneçam fechadas.

“A Europa precisa de imigrantes”: isso foi declarado com todas as letras por Massimo D’Alema, atual presidente da Fundação Europeia de Estudos Progressistas, ao *Le Monde* de 10 de maio de 2011 – numa disputa direta, segundo ele, com “os dois piromaníacos mais ativos da Europa”, Berlusconi e Sarkozy. Os cálculos que sustentam o veredicto de D’Alema dificilmente poderiam ser mais simples: há hoje 333 milhões de europeus, mas com a atual taxa de natalidade (ainda em queda por toda a Europa), esse número vai encolher para 242 milhões nos próximos quarenta anos. Para preencher esse vazio, serão necessários pelo menos 30 milhões de forasteiros – ou a economia europeia entrará em colapso, e com ele nosso estimado padrão de vida. “Os imigrantes são um recurso, não um perigo”, conclui D’Alema. E assim também o processo de *métissage* (hibridização) cultural que o influxo de recém-chegados tende a desencadear, isso é inevitável; a mistura de inspirações culturais é fonte de enriquecimento e motor da criatividade – tanto para a civilização europeia como para qualquer outra. Da mesma forma, há somente uma linha tênue a separar esse enriquecimento de uma perda da identidade cultural; para evitar que a coexistência entre autóctones (habitantes nativos) e alóctones (os que vieram de outros lugares) venha a solapar o patrimônio cultural, ela precisa basear-se nos princípios subjacentes ao “contrato social” europeu. A questão é que esse contrato, que não foi escrito nem assinado, precisa ser respeitado por *ambos* os lados!

Mas como se pode garantir esse respeito se o reconhecimento dos direitos sociais e civis dos “novos europeus” é oferecido de modo tão mesquinho e tão lento, e avança a ritmo tão vagaroso? Por exemplo, os imigrantes contribuem atualmente com 11% do Produto Nacional Bruto (PNB) italiano, mas não têm o direito de votar nas eleições. Além disso, ninguém pode dizer com certeza quantos recém-chegados sem documentos, nem ao menos falsificados, contribuem ativamente para o PNB e, assim, para o bem-estar de uma nação. “Como pode a União Europeia”, pergunta D’Alema, de modo quase retórico, “permitir uma situação em que se negam direitos políticos, econômicos e sociais a uma parcela substantiva da população, sem minar nossos princípios democráticos?” Como deveres e direitos dos cidadãos vêm no mesmo pacote, uma vez mais, em princípio, será possível esperar seriamente que os recém-chegados abracem, respeitem, sustentem e defendam esses “princípios subjacentes ao contrato social europeu”? Nossos políticos ganham apoio eleitoral culpando os imigrantes, por sua relutância, genuína ou putativa, em “se integrar” aos padrões autóctones – enquanto fazem o possível, e prometem fazer mais ainda, para situar esses padrões além do alcance dos alóctones. Nesse processo, depreciam ou solapam os mesmos padrões que afirmam estar protegendo da invasão estrangeira.

A grande questão, um dilema que, provavelmente mais que qualquer outro, vai determinar o futuro da Europa, é qual das duas “verdades” irá finalmente (mas sem muitas delongas) triunfar: o papel de salva-vidas desempenhado pelos imigrantes numa Europa em rápido processo de envelhecimento, função que até agora poucos políticos ousaram enaltecer em seus estandartes, se é que algum chegou a fazê-lo; ou a ascensão, encorajada e instigada, de sentimentos xenofóbicos avidamente reciclados em votos? Os pronunciamentos oficiais e as estatísticas de intenção de votos insinuam uma tendência, enquanto os hábitos cotidianos e as mudanças “subterrâneas”, lentas, mas inexoráveis, no ambiente e na lógica de vida das “pessoas comuns” parecem apontar em outra direção.

Após sua brilhante vitória nas eleições em Baden-Württemberg – deixando os sociais-democratas rastejando e, pela primeira vez na história da Bundesrepublik (República Federal), colocando um dos seus, Winfried Kretschmann, na chefia do governo provincial –, os verdes alemães, sobretudo Daniel Cohn-Bendit, estão começando a refletir sobre a possibilidade de que já em 2013 a chancelaria alemã em Berlim possa assumir a coloração deles. Quem será responsável por esse feito histórico em seu nome? Cohn-Bendit está quase certo: Cem Özdemir, com quem divide a liderança do partido, inteligente, lúcido, dinâmico, carismático, amplamente admirado e reverenciado, reeleito alguns meses atrás por 88% dos membros votantes do partido. Até seu 18º aniversário, Özdemir tinha passaporte turco; ele, um jovem já profundamente envolvido na política alemã e europeia, escolheu a cidadania germânica em função do aborrecimento a que tendiam se expor as pessoas de nacionalidade turca quando tentavam entrar na Grã-Bretanha ou cruzar a fronteira com a vizinha França. Pode-se imaginar: quem, na Europa de hoje, são os mensageiros avançados do futuro do continente? O mais ativo par de piromaníacos ou Daniel Cohn-Bendit? Não sendo um profeta e acreditando que a história é feita por pessoas, e que não existe até que a façam, não posso responder a essa pergunta. Mas ela terá de ser respondida, tanto em palavras quanto em atos, por todos nós que estamos vivos no presente. E será respondida por nossas escolhas.

Por mais de quarenta anos da minha vida em Leeds, vi pela janela crianças voltando para casa da escola secundária mais próxima. Crianças dificilmente andam sozinhas; preferem andar em grupos de amigos. Seu hábito não mudou. No entanto, o que vejo pela janela tem mudado com o passar dos anos. Quarenta anos atrás, quase todos os grupos eram “de uma cor só”; hoje, quase nenhum deles o é.

José Saramago: formas de ser feliz

RICCARDO MAZZEO: Lendo o que você diz sobre a necessidade de que, para que o “contrato social” europeu seja realmente eficaz, tanto autóctones quanto alóctones o respeitem, e o que acrescenta no parágrafo seguinte, enfatizando as manobras dos políticos para sabotar a possibilidade de os imigrantes realmente atingirem os padrões necessários para se “integrar”, recordei o que José Saramago disse a alguns amigos sobre a crise econômica, poucos dias antes de falecer. Ele afirmou que todos nós, governos e cidadãos, sabemos o que é necessário para sair da crise, mas se dispor a fazê-lo não é nada fácil. Não nos inclinamos a dar esse passo porque, para mudarmos nossa vida, teríamos de mudar nossa maneira de viver, e isso é algo que geralmente pedimos aos outros que façam, não a nós mesmos. Para Saramago, a prioridade absoluta é o ser humano, o outro que é o mesmo que eu e tem direito de dizer: “Eu.”

Em seu último *Caderno*, datado de 17 de julho de 2009, José Saramago diz que cada um de nós tem algumas marcas da emigração em sua árvore familiar, seja o pai ou o pai do pai de alguém. Muitos portugueses se afogaram tentando atravessar a nado o rio Bidasoa, a fim de passar da Espanha para a França, lugar que imaginavam ser um paraíso. Os sobreviventes foram forçados a aceitar empregos subalternos, a suportar a humilhação, aprender línguas

desconhecidas e sofrer o isolamento social, mas orgulhosamente construíram um futuro para seus descendentes. Algumas dessas pessoas não perderam nem quiseram perder a memória dos maus tempos, e devemos ser gratos aos que conseguiram manter o devido respeito ao seu passado. A maioria, por contraste, sente vergonha de ter sido pobre e ignorante, e comporta-se como se a vida decente tivesse começado para eles somente naquele dia deslumbrante em que finalmente puderam comprar seu primeiro carro. A pessoa que era explorada e que esqueceu isso vai explorar outras pessoas; a pessoa que era olhada com desprezo e faz de conta que esqueceu isso agora fará o mesmo; e eis aqui todos juntos, jogando pedras nos que chegam à margem do Bidasoa. “Em verdade, em verdade vos digo”, conclui Saramago, “há certas maneiras de ser feliz que são simplesmente odiosas.”

Tanto você quanto Saramago algumas vezes são acusados de pessimismo quanto ao futuro do mundo (porque as pessoas não percebem, suponho eu, que os dois apresentam as condições para salvá-lo), mas vejo que Saramago, quando morreu, estava escrevendo a “Carta dos deveres humanos”, e me parece que a composição de tal documento implica necessariamente a palavra “confiança”. Falando de você, acho na última frase de sua primeira resposta um belo poema, cheio de confiança.

ZYGMUNT BAUMAN: Você me remete a aspectos tristes e sombrios de nosso modo de ser e estar no mundo; e, infelizmente, mais uma vez está certo: “Uma pessoa que era explorada e esqueceu isso vai explorar outras pessoas; a pessoa que era olhada com desprezo e faz de conta que esqueceu isso agora fará o mesmo.” Não conheço, embora continue procurando, um caso de vitimização que tenha enobrecido suas vítimas em vez de despi-las de sua humanidade (Janina concluiu, a partir das lições cruéis que ela própria recebeu, que permanecer humano em condições desumanas é a mais difícil das proezas). A memória do sofrimento próprio, e mesmo o fenômeno atual de uma memória projetada, de segunda mão, de sofrimentos que não

tenham sido vivenciados em primeira mão, não torna as pessoas mais generosas, gentis ou sensíveis às dores dos outros. Pelo contrário, estimula os descendentes das vítimas a serem cruéis com os descendentes dos responsáveis pela crueldade, e isso é usado como recibo de pagamento antecipado pela insensibilidade e como um cheque em branco pela desumanidade. Violência, desumanidade, humilhação e vitimização desencadeiam o que Gregory Bateson chamou de “cadeias cismogénéticas”, verdadeiros nós górdios rigorosamente resistentes à ruptura ou ao corte, por mais afiada que seja a espada que se empunhe. Saramago concentrou-se em Portugal, o país caro a seu coração, mas a maré montante da xenofobia em Portugal não é uma exceção, é uma regra. Ao se transformarem em importadores de mão de obra, quase todos os países que antes a exportavam (como Irlanda, Itália, França, Suécia, Noruega, Dinamarca e Holanda) manifestam a mesma inclinação. Podemos observar, até agora impotentes, uma onda de sentimentos neotribais que se propaga de Copenhague a Roma e de Paris a Praga, amplificada e alimentada pelos alarmes e temores que se aprofundam em relação ao “inimigo à porta” e à “quinta-coluna”, resultando numa mentalidade de “fortaleza sitiada” que se expressa na crescente popularidade de fronteiras seguramente fechadas e portas firmemente trancadas.